

GASPAR SILVEIRA MARTINS: UMA TENTATIVA DE HEROIFICAÇÃO¹

LUCIANA ROSSATO²

Resumo

O artigo tem por finalidade analisar o discurso federalista no Rio Grande do Sul (RS) após a Proclamação da República. Após 1889, o RS dividiu-se em facções políticas porta-vozes de projetos diferenciados de República: o projeto positivista do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e o projeto liberal dos federalistas. Estes recorreram ao imaginário como forma de legitimar sua oposição ao projeto político positivista. O apelo a mitos e alegorias locais e universais, como o mito do gaúcho, e o retorno a um passado de glórias, como a Revolução Farroupilha, estiveram na base da construção discursiva dos federalistas. É discutido o processo de heroificação de Gaspar Silveira Martins, que, de monarquista foi transformado no representante da democracia sulina e defensor da liberdade.

Palavras-chave: heroificação, discurso, imaginário.

Abstract

This article has the objective to analyze the federalist speech in RS after the Republic Proclamation. After 1889, RS was divided in political factions that led to differentiated projects of Republic: the positivist project of PRR and the liberal project of the federalists. Those came to the imaginary way to legitimate its positions to the positivist political project. The appeal to local and universal myths and allegories, the gauche myth, and the return to a glorious past, as Farroupilhas Revolution, were on the base of the discursive construction of the federalists. It is discussed the heroified process of Gaspar Silveira Martins, that from monarchist was transformed in representative of South democracy and defender of freedom.

Keywords: *heroified, discourse, imagery.*

A finalidade deste artigo é estudar os discursos proferidos em relação a Gaspar Silveira Martins, tentando perceber o processo de heroificação do qual ele foi objeto, no período que compreende os anos de 1889 a 1896. Este período caracteriza-se por ser marcado por intensas disputas políticas decorrentes da implantação da República, que, no Rio Grande do Sul (RS), chegou a ser marcado por uma guerra civil conhecida como Revolução Federalista. No entanto, não pretendemos restringir-nos a esse recorte temporal, podendo retroceder até o final do Império e avançar até o ano de sua morte, 5 de agosto de 1901, além de algumas outras datas significativas.

O interesse pelo tema surgiu a partir do momento em que, pesquisando o jornal *A Reforma*, percebeu-se o tratamento dado pelos redatores do mesmo durante a campanha movida nos anos de 1890 e 1891, a fim de pressionar o governo republicano a conceder-lhe a anistia. Deve-se salientar que, apesar dos federalistas possuírem outras lideranças, como por exemplo, Gumercindo Saraiva, João Nunes da Silva Tavares e Saldanha da Gama, entre outros, a imagem de Gaspar Silveira Martins é reforçada

¹ Este artigo integra a dissertação de mestrado intitulada "Imagens Construídas: Imaginário Político e Discurso Federalista no Rio Grande do Sul (1889-1896)" defendida em 16 de abril de 1999.

² Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e da Fundação Educacional de Brusque – FEBE.

com muito mais intensidade do que essas outras lideranças políticas e militares.

Podemos levantar algumas hipóteses para tentar explicar essa escolha por parte do jornal *A Reforma*. Gaspar Silveira Martins era o chefe do Partido Liberal, do qual fazia parte o jornal *A Reforma*, o que pode explicar o fato de não haver muitas referências à João Nunes da Silva Tavares, uma vez que este fazia parte do Partido Conservador, além de ter dado seu apoio primeiramente ao PRR de Júlio de Castilhos. Já no caso de Gumerindo Saraiva, a situação torna-se mais complicada, uma vez que ele era estrangeiro, nascido no Uruguai. Reforçar a imagem de uma liderança que não era brasileira abria espaço para as críticas de seus adversários políticos, que os taxavam de serem separatistas. No que se refere a Saldanha da Gama, a ausência de referências provavelmente deve-se ao fato de ele não possuir inserção suficiente no estado, apesar de ser uma liderança conhecida dentro da Marinha. Mesmo com seu passado monarquista, Gaspar Silveira Martins era a figura política melhor qualificada para ser reforçada como o salvador necessário para estabilizar a situação política em que se encontrava o estado e o país.

Podemos dizer que o processo de heroificação de Gaspar Silveira Martins constituiu-se em três momentos. Primeiramente durante o Império, quando ele é apresentado como o defensor de todos os rio-grandenses frente ao governo central. O segundo momento é após a Proclamação da República, mais especificamente no período em que se encontrava exilado e que antecedeu a deflagração da Revolução Federalista. E o terceiro momento constitui-se após sua morte. É após seu passamento que sua história e seus ensinamentos são utilizados como um conhecimento que é legado aos seus correligionários.

Gaspar Silveira Martins nasceu em 5 de agosto de 1834, em Bagé, próximo à fronteira com o Uruguai. O fato de ter nascido no início da Revolução Farroupilha e ter sido criado ouvindo seus feitos foi tido como um dos fatores que contribuiu na formação de sua personalidade e postura política. Segundo o jornal *A Reforma*:

"Nasceu o laureado compatriota sob o signo verdadeiramente republicano; criou-se ouvindo relatar com fidelidade

as mil e uma proezas e façanhas dos intemeratos farrapos, que, na razão de um contra dez, lutaram abnegados e nunca vencidos, contra os usurpadores das liberdades rio-grandenses! (...) Fez-se homem Silveira Martins, e, cultivando o seu enorme e invejável talento, com esmero e nitidez, mais acentuadas ficaram as suas inatas aspirações republicanas."³

A importância de salientar que Gaspar Silveira Martins nasceu durante uma revolução que proclamou a República no RS dava-se pelo fato dos federalistas serem taxados de restauradores, de monarquistas. Para isso, seus opositores políticos baseavam-se no fato dele ter exercido os cargos de deputado, senador, conselheiro, ministro de estado e presidente de província durante o Império.

Tomando como referência os estudos de José Murilo de Carvalho sobre a elite política imperial, podemos dizer que Gaspar Silveira Martins fazia parte do clube⁴ formado pela elite política brasileira. Após a obtenção do título de Bacharel em Direito, iniciou sua trajetória na magistratura e na política imperial, chegando a ocupar o mais alto cargo durante o Império, o de Conselheiro de Estado.

Aliado a estes fatores que faziam parte de seu passado, o líder civil da Revolução Federalista defendia uma república parlamentar e unitária, o que remetia à estruturação política do Império. Esses eram alguns dos expedientes usados pelos membros do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) para negar o direito de participação aos antigos membros do Partido Liberal na estruturação da República, considerados como contrários a nova ordem que estava sendo implantada. Não era somente Gaspar Silveira Martins que estava sendo chamado de

³ Agio por afeição (I). *A REFORMA*. Porto Alegre. 23 de abril de 1892.

⁴ Clube é o termo utilizado para definir a unidade da elite política imperial devido as suas origens sociais e econômicas, sua formação intelectual e sua trajetória na burocracia e na política do Estado Imperial. Ver o capítulo Unificação da Elite: A Caminho do Clube. In: CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem. A Elite Política Imperial*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

monarquista, mas todos os seus partidários, como nos mostra a seguinte citação:

“Os amigos do eminente compatriota (e muito raro é o rio-grandense que não está nesse número) eram tratados como inimigos ou como suspeitos à República...”⁵

Maria de Lourdes M. Janotti, em sua tese de livre docência, intitulada *Os Subversivos da República*, nos mostra a atuação dos defensores da monarquia no Brasil, após a Proclamação da República. No seu entendimento, apesar dos monarquistas terem sido ignorados pela historiografia, o mesmo não ocorreu com o governo republicano, principalmente na primeira década da República, uma vez que eram alvo de perseguições e de outras formas de repressão motivadas pelo terror que inspiravam. O perigo da restauração foi importante tanto para os republicanos como para os monarquistas. Os frequentes boatos e denúncias de restauração monárquica contribuíram para o fortalecimento do grupo monárquico, que fundou, em 1895, o Partido Monarquista em São Paulo, ao mesmo tempo que contribuiu para a consolidação da República, uma vez que o receio do retorno à Monarquia justificava os atos de violência que possibilitaram a consolidação do regime republicano.⁶

No RS também proliferavam boatos e denúncias, o que criava um ambiente de medo e de insegurança quanto ao futuro. Parafrazeando Bronislaw Bazcko, os “fantasmas” – nesse caso o da restauração monarquista – são úteis uma vez que, se por um lado, servem de justificativa à repressão por parte do poder constituído, por outro lado, fortalecem o grupo perseguido, uma vez que ampliam e projetam seu poder de atuação. Os membros do PRR reforçavam a imagem de seus opositores como separatistas e restauradores, o que levava os federalistas, em contrapartida, a reforçarem o novo papel de seu chefe, Gaspar Silveira Martins. Não era mais somente um “grande estadista e talentoso orador”, que durante sua vida trabalhou para

elevar o estado, propiciando-lhe progresso e desenvolvimento; era o salvador, a garantia de paz e estabilidade.

Com a Proclamação da República, Gaspar Silveira Martins foi deposto de seu cargo de Presidente da Província do RS, tendo sido exilado em 21 de dezembro de 1889 até 5 de janeiro de 1892.

Em Porto Alegre, o ano de 1891 foi marcado por intensa campanha, difundida através do jornal *A Reforma*, em prol da revogação do decreto que o exilou. Para seus partidários, Gaspar Silveira Martins foi “a primeira vítima de um despotismo desnecessário”, uma vez que a república havia sido aceita como fato dado pelos liberais. Além do que, “o mais ilustre dos rio-grandenses”, que trazia consigo não só seus correligionários mas “um povo inteiro” que o considerava como o “batalhador invencível da liberdade”, era, para os rio-grandenses, a “garantia de sua felicidade, de sua paz, de seu engrandecimento”, uma vez que ninguém lutara tanto para elevar “esta terra no conceito do País.”⁷ A matéria continua numa infundável demonstração dos inúmeros talentos do “filho dileto do Rio Grande do Sul”, que foi o “precursor do novo regime, se é que a república brasileira veio garantir a liberdade”. Percebe-se aqui, um porém, uma dúvida em relação ao novo regime que estava sendo implantado. Questiona-se até que ponto o novo regime era um regime democrático e se seus defensores eram realmente os verdadeiros defensores da república. Era essa desconfiança que os levava a declarar que

“O Rio Grande do Sul quer a volta de seu ilustre filho, considerando-a mesmo como uma medida de salvação pública, ante a anarquia que poderá levar-nos à completa ruína, si forte obstáculo não se lhe opuser em tempo. É preciso, pois, que ele volte.”⁸

Gaspar Silveira Martins era visto como o salvador, como a pessoa responsável pela estabilidade política, era a experiência contra a

⁵ Desmoronamento. *A REFORMA*. Porto Alegre. 1 de março de 1891.

⁶ Ver JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Introdução.

⁷ Silveira Martins. *A REFORMA*. Porto Alegre. 8 de outubro de 1890.

⁸ Silveira Martins. *A REFORMA*. Porto Alegre. 8 de outubro de 1890.

anarquia, na qual se encontrava o RS. Neste momento, o salvador torna-se um elo de ligação entre o presente, um presente de mudanças e de instabilidade, com um passado de glórias, de estabilidade. Assim, Gaspar Silveira Martins é

“... a mais segura garantia de sua paz, de sua felicidade, de seu engrandecimento. (...) pelo grande talento, pelo imenso prestígio, pelo patriotismo inexcedível, impõe-se como o mais capaz de solver as enormes dificuldades da atualidade política.”⁹

Era o jornal *A Reforma* criando a imagem de Gaspar Silveira Martins, não qualquer imagem, mas a mais apropriada para o momento político pelo qual passava o estado e o país. Segundo Raoul Girardet “todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em dado momento de sua história. A imagem do salvador varia conforme ele é chamado a enfrentar um perigo externo, a conjurar uma crise econômica ou a prevenir os riscos de uma guerra civil.”¹⁰

Havia a necessidade de desvincular a imagem de Gaspar Silveira Martins com a da monarquia. Ele passa a representar não mais um membro do governo monárquico e amigo pessoal de D. Pedro II, mas um defensor da liberdade acima de qualquer credo político.

“Silveira Martins disse-o muitas vezes: no dia em que a monarquia for um obstáculo à liberdade, cumprimos o dever de suprimi-la... Ele queria a liberdade, eis tudo.”¹¹

Liberdade que era inerente a sua personalidade e educação, uma vez que havia sido criado ouvindo os grandes feitos dos heróis do passado, dos legendários de 35. Ele deixa de ser um dos representantes do governo central, como presidente da província nomeado e como chefe

do Partido Liberal Histórico e passa a ser representante do povo, defensor dos interesses do RS acima de partidos políticos, acima de formas de governos, como demonstra a seguinte citação:

“Se foi monarquista e se trabalhou pela consolidação do regime deposto, era porque convencido estava de que sob ele poderíamos gozar de todos os almejavéis bens e porque acima da questão de forma de governo, que é secundária, ele amava o predomínio das liberdades, que queria ver consagradas pelo caminho mais curto e menos cheio de incertezas.”¹²

Podemos dizer que o jornal *A Reforma* teve papel importante em sua heroificação, uma vez que foi por meio de seu jornal que os editores veicularam a campanha pela sua anistia, bem como divulgaram a notícia da mesma em 19 de novembro de 1890, com as seguintes palavras:

“... dá-nos a notícia de haver cessado a deportação do nosso eminente compatriota conselheiro Silveira Martins. Ontem, ao ser conhecida a notícia, subiram ao ar milhares de foguetes de todos os pontos da cidade e diversas casas comerciais e particulares iluminaram as suas fachadas.”¹³

A partir do momento em que se soube que nada mais impedia seu retorno ao país,

“foi deliberado unanimemente que se promoverão festas imponentes, e para esse fim a comissão está disposta a não poupar-se a sacrifícios de qualquer natureza, contanto que se possa manifestar de uma forma eloqüentemente digna o contentamento deste povo ao ver regressar ao torrão natal o filho dileto do Rio Grande do Sul.”¹⁴

⁹ A verdade. A REFORMA. Porto Alegre. 10 de outubro de 1890.

¹⁰ GIRARDET, Raoul. Mito e Mitologias Políticas. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 82.

¹¹ Ao “Rio Grande”. A REFORMA. Porto Alegre. 29 de novembro de 1890.

¹² Mais perfidias. A REFORMA. Porto Alegre. 8 de março de 1891.

¹³ Silveira Martins. A REFORMA. Porto Alegre. 20 de novembro de 1890.

¹⁴ Comissão de festejos. A REFORMA. Porto Alegre. 10 de janeiro de 1892.

A volta de Gaspar Silveira Martins foi amplamente divulgada pelo jornal *A Reforma*. Seu retorno era visto como a vinda do salvador, da experiência necessária para estabilizar a situação política no estado. Não era a volta de “um desterrado, de um criminoso que acaba de cumprir uma sentença”, mas o retorno de um dos “grandes servidores da liberdade e da Pátria”, de um “triunfador a quem um povo inteiro irá oferecer demonstrações de apreço.”¹⁵ A felicidade pela sua volta, de acordo com o jornal, não foi somente de seus partidários, mas de todo o povo que “em massa afluía para saudar, aplaudir e abraçar o extremado advogado de seus direitos, agora felizmente repatriado.”¹⁶ Gaspar Silveira Martins foi recebido “ao som de bandas de música, ao espocar de milhares de foguetes e bombas de dinamite.”¹⁷

Essas demonstrações de alegria e as comemorações foram incentivadas pelos liberais, uma vez que era uma demonstração da força da oposição, uma demonstração do poder de mobilização do chefe, de Gaspar Silveira Martins.

Era necessário mostrar o poder, o carisma do “gaúcho dos pampas”¹⁸, mesmo entre as pessoas que nunca foram seus seguidores políticos. Mostrá-lo como unanimidade regional, um político que, mesmo entre seus inimigos, impunha respeito e admiração. A identificação de Gaspar Silveira Martins como gaúcho nos remete a construções simbólicas que se identificam com virtudes inerentes como masculinidade, força, honradez e valentia, entre outras.

Segundo as palavras do jornal, Gaspar Silveira Martins era o “representante mais fiel da democracia rio-grandense”¹⁹ em contraposição com a ditadura científica – o comtismo – que foi implantada no estado a partir da promulgação da Constituição Rio-grandense de 14 de julho de 1891. Era a oposição entre o liberalismo e o

castilhismo, entre a “democracia rio-grandense” e a “ditadura”.

Algumas datas são lembradas, propiciando a publicação de artigos comemorativos. Enquanto era vivo, o jornal publicava reportagens, salientando e glorificando seus feitos, comemorando a passagem de “mais um ano de existência do filho dileto do Rio Grande.”²⁰ Durante os anos de 1890 e 1891, diariamente havia notas, reportagens, publicações de telegramas referentes ao “ilustre tribuno”, ao “filho dileto do Rio Grande”, “ao ilustre desterrado”. Publicavam-se também propaganda para a venda de retratos de Gaspar Silveira Martins, próprios para quadros.

O aniversário de Gaspar Silveira Martins era aproveitado como um momento para reforçar as suas idéias e a de seus partidários, ao mesmo tempo em que aproveitavam para criticar o governo do PRR. Esta data foi lembrada todos os anos até a sua morte, em 23 de julho de 1901.

A imagem de Gaspar Silveira Martins foi construída em oposição à de Júlio de Castilhos. Segundo o jornal *A Reforma*, Júlio de Castilhos era um “déspota”, uma “pipinba de podridão”, uma “bexiga de pur” e, seus partidários eram considerados uma “seita perigosa à sociedade”, “inimigos da Pátria”, “deturpadores dos ideais republicanos”, “impostores”, “ladrões”, “cães especuladores”, “criaturas das trevas”. Em suma, seu governo era considerado um “regime do saque ao cofre público.”

Gaspar Silveira Martins, ao contrário, era um “abnegado”, o “verdadeiro republicano”, o “guarda fiel e vigilante das tradições de 35”. Essa glorificação pode ser melhor percebida na citação a seguir:

“... não é um homem de talento, não é um orador, não é um patriota, é a própria eloquência, é o patriotismo, é o talento, é a síntese da visão mais lúcida que imaginar se pode, é a esperança de uma pátria abatida e humilhada...”²¹

¹⁵ Silveira Martins. *A REFORMA*. Porto Alegre. 5 de agosto de 1891.

¹⁶ Agio por afeição (VI). *A REFORMA*. Porto Alegre. 5 de maio de 1892.

¹⁷ Telegramas. *A REFORMA*. Porto Alegre. 12 de fevereiro de 1892. Referem-se a chegada de Gaspar Silveira Martins à Bagé.

¹⁸ Telegramas. *A REFORMA*. Porto Alegre. 12 de fevereiro de 1892.

¹⁹ Silveira Martins for ever! *A REFORMA*. Porto Alegre. 1 de agosto de 1892.

²⁰ Silveira Martins. *A REFORMA*. Porto Alegre. 5 de agosto de 1891.

²¹ Hurrah por Silveira Martins. *A REFORMA*. Porto Alegre. 16 de agosto de 1892.

Com o objetivo de fazer uma comparação, pesquisamos o jornal "Bisturi", nos dois anos finais do Império (1888 e 1889). O responsável pela publicação era Thádeo Alves do Amorim. O jornal do dia 07 de julho de 1889 trazia na capa uma ilustração de Gaspar Silveira Martins onde este é representado como Vênus, a deusa do amor na mitologia romana. Abaixo da imagem estava escrito "A passagem de 'Vênus', sempre radiante e bela, embora a rodeiem de infâmias e de opressões." Segundo o Dicionário mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana, no Império Romano "a deusa do amor acabou por adquirir um caráter autenticamente nacional, tornando-se protetora da cidade e do povo romano, símbolo de sua origem nobre."²²

O texto que acompanha esta imagem, publicado na 2ª página do jornal, falava da vinda do benemérito conselheiro, de sua recente nomeação, por parte do governo monárquico, como presidente da província. Era, segundo o jornal, esperado ansiosamente pela população da cidade, que gostaria de prestar suas mais sinceras homenagens ao eminente cidadão, "dotado das mais eminentes qualidades, que constituem os grandes caracteres, cheio de vida, de inteligência e de amor pelo seu País."²³ Salienta-se todo o amor que Gaspar Silveira Martins devotava ao estado e aos seus habitantes. Era todo abnegação, tudo o que desejava era o engrandecimento de seu país e, principalmente, do RS. A imagem construída era de que um político dedicado, nobre, desinteressado e patriota que, com sua capacidade intelectual, "seu espírito esclarecido", estava contribuindo para o "engrandecimento material desta província."²⁴ Outro aspecto salientado era a cultura, o conhecimento de Gaspar Silveira Martins, percebido pelo fato da imagem estar carregando um livro. Era a celebração do herói letrado, do orador culto.

Apesar de ser apresentado pelo jornal como uma unanimidade regional, digno da admiração de todos os habitantes do estado, Gaspar Silveira Martins foi alvo de duras

críticas. Em obra publicada em 1894, por Germano Hasslocher, intitulada *A Verdade sobre a Revolução*, Gaspar Silveira Martins foi retratado como um homem vaidoso e despótico, que negou-se a esclarecer o programa dos revolucionários, bem como a condenar as degolas e assassinatos que estavam sendo praticados pelos exércitos federalistas.²⁵ Germano Hasslocher dizia-se partidário dos federalistas até o momento em que percebeu que a Revolução Federalista não poderia libertar o estado, pois não era uma causa justa, mas sim o capricho de um homem vaidoso que estava levando o RS à miséria e à barbárie.

Outra crítica foi quando Thádeo Alves do Amorim o retratou como um tratador de burros, numa alegoria referente à distribuição de cargos e de empregos públicos, utilizada como recurso a fim de premiar ou de cooptar correligionários. Abaixo da imagem estava escrito "que gritaria, Santo Deus! Como é bom o 'mi-lho' do governo, são tantos a quererem..." A despeito de anteriormente ter comparado Gaspar Silveira Martins à Vênus, o dono do jornal "Bisturi" reservava-se o direito à crítica e a denúncia dos privilégios.

Apesar das críticas dos federalistas à distribuição de cargos levada a cabo pelos membros do PRR após sua ascensão ao governo estadual, Gaspar Silveira Martins também se utilizou deste expediente como forma de garantir o apoio ao seu partido e ao seu governo entre as lideranças municipais. Durante o período em que o Partido Liberal manteve-se no poder, estruturou a máquina política imperial, concentrando em suas mãos os principais cargos burocráticos.

Durante a Revolução Federalista, Gaspar Silveira Martins esteve em auto exílio em Buenos Aires e Montevidéu, onde morreu em 1901. A notícia de seu falecimento foi amplamente divulgada pelo jornal *Correio do Povo*. A notícia foi publicada no dia 25 de julho, dois dias após sua morte. O artigo, escrito por Rafael Cabeda, ocupava o centro da primeira página do jornal e, além de comunicar sua morte, aproveitava para fazer uma rápida biografia sobre a

²² BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 305.

²³ Conselheiro Gaspar S. Martins. BISTURI. Rio Grande. 7 de julho de 1889. p. 2.

²⁴ Silveira Martins. BISTURI. Rio Grande. 9 de dezembro de 1888. p. 2.

²⁵ Ver HASSLOCHER, Germano. A verdade sobre a Revolução. Porto Alegre: Typografia de Cesar Reinhardt, 1894.

vida e obra do ilustre morto. Segundo este artigo, "*Silveira Martins constituiu-se o senhor absoluto do Rio Grande. Dominava por seu belo talento, pelo seu acendrado patriotismo. O seu nome era repetido de um extremo ao outro do estado, com todo o entusiasmo, por isso que o patricio ilustre era considerado a personificação viva do amor pátrio.*"²⁶ Rafael Cabeda, autor do texto, juntamente com Pedro Moacyr, foi um dos mais expressivos opositores ao governo do PRR no início do século XX. O artigo encerrava dizendo que o "*diretório do partido federalista participava às localidades do Estado o falecimento do ilustre rio-grandense, convidando os seus correligionários políticos a tomarem luto por oito dias.*"²⁷

As notícias sucederam-se no dia seguinte e nos outros dias durante todo o mês de agosto. Eram desde artigos falando sobre sua vida, sobre as missas que foram realizadas em Porto Alegre e em outras cidades do interior, como Bagé, bem como sobre os diversos discursos que foram proferidos em sua homenagem. No dia 26 de julho foi publicado o convite para as missas de 7º dia que seriam celebradas na capela do Senhor dos Passos. Esse convite foi publicado nos dias seguintes e era assinado "A Comissão".

Esta Comissão foi formada durante uma reunião dos amigos de Gaspar Silveira Martins. Após terem proferido discursos sobre o falecido, foram formadas diversas comissões. Cada uma delas ficou encarregada de uma função: das solenidades religiosas, de redigir um número especial d'A *Reforma* sobre o tribuno e de erguer um monumento em sua honra. Esta última foi dividida em duas, uma delas formada por senhoras que ficariam encarregadas de arrecadarem donativos para o dito monumento. Alguns dias depois, a comissão publicou no jornal uma nota comunicando que estavam recebendo os artigos que iriam integrar a edição especial d'A *Reforma* a ser publicada no dia 23 de agosto, em "*comemoração ao trigésimo dia do passamento do ilustre chefe do partido federalista.*"²⁸ Segundo

Regina Abreu, existem diversas formas de lembrar os mortos considerados ilustres, entre elas conferências, rituais religiosos, pronunciamentos de elogios póstumos, exposições comemorativas e lançamentos de biografias.²⁹

Em telegramas publicados no jornal *Correio do Povo* nos dias 26 e 27 de julho de 1901, era comunicado que as cerimônias fúnebres, realizadas em Montevidéu, foram extraordinariamente concorridas e que seu corpo fora embalsamado a fim de ser transportado até Bagé, onde seria enterrado.

Apesar dos esforços de seus correligionários, Gaspar Silveira Martins foi enterrado em Montevidéu. Pedro Moacyr, em discurso proferido durante o enterro dizia que "*o cadáver de Silveira Martins era uma bandeira para os amigos da liberdade e para as reivindicações de civismo, e que os brasileiros, ao descansá-lo em terra uruguaia, o faziam apenas como um depósito, pois brevemente o Brasil reclamaria esses queridos despojos, para lhes tributar homenagens condignas dos elevados méritos do grande tribuno.*"³⁰ Mesmo morto, sua imagem era utilizada para congregar as oposições de forma a fazer frente ao governo de Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos, no governo do RS. Pelo discurso de Pedro Moacyr, proferido durante os funerais, "*soube-se que todos os elementos opositoristas ao governo deste Estado tratavam de formar um partido, tendo como chefe o extinto tribuno rio-grandense. Acrescenta-se que este partido iniciaria a sua ação com um movimento revolucionário, que deveria rebentar brevemente.*"³¹

As lideranças vivas aproveitavam a comoção em torno da morte do ilustre rio-grandense a fim de mobilizar as oposições em torno de uma nova revolução. Segundo Regina Abreu, "num mundo de indivíduos, certos mortos tendem a desempenhar um lugar importante para a referência dos vivos."³² Mesmo morto, Gaspar

²⁶ Silveira Martins. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 25 de julho de 1901.

²⁷ Silveira Martins. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 25 de julho de 1901.

²⁸ Aviso. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 31 de julho de 1901.

²⁹ ABREU, Regina. Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, volume 7, nº 14, 1994, p. 208.

³⁰ Silveira Martins. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 1 de agosto de 1901.

³¹ Telegramas. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 28 de julho de 1901, p. 2.

³² ABREU, Regina. Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados. Op. Cit. p. 208.

Silveira Martins era um ponto de referência, um exemplo a ser seguido.

Outra manifestação ao finado tribuno foi a da Fotografia Ferrary, a qual expôs o retrato de Gaspar Silveira Martins, pintado pelos Srs. Postiga & Irmão. Na vitrine "transformada em altar, foi ontem, à noite, exposto um magnífico retrato, a óleo, do ilustre rio-grandense, circundado por uma riquíssima coroa."¹³ Segundo a reportagem, o local transformou-se em local de peregrinação de grande número de porto-alegrenses, que paravam em frente à dita vitrine a fim de admirar a homenagem "prestada à memória do eminente patriota."¹⁴

Entre as homenagens prestadas, ocorreu no Teatro São Pedro, às 7 horas da noite, uma "sessão fúnebre" realizada no dia 23 de agosto, um mês após sua morte. Além disso, foi rezada uma missa no 30º dia de morte na igreja Nossa Senhora das Dores, para o qual estavam sendo convidados todos os familiares, amigos e admiradores do finado.

O ritual de comemorar o morto era repetido todos os anos. Em 1921, 20 anos após sua morte, ainda eram rezadas missas em homenagem ao "glorioso tribuno rio-grandense"¹⁵, o mesmo se repetindo nos anos seguintes.¹⁶ Essas homenagens eram prestadas pelos membros do Partido Federalista. Em 1921, este partido realizava seu Congresso Partidário em Porto Alegre, do qual aproveitou-se para homenagearem Gaspar Silveira Martins e Pedro Moacyr. Passados vinte anos da sua morte, ainda era uma referência aos membros do Partido Federalista. Em discurso pronunciado pelo Dr. Moraes Fernandes "Gaspar Silveira Martins vive ainda e viverá sempre nesta dignificante aliança do presente com o futuro do federalismo". A sequência de seu discurso lembra aos participantes do Congresso que os "despojos venerandos do inolvidável

morto já descansam no solo sacrossanto de seu torrão nativo, na invicta cidade de Bagé, e que devem servir, ao menos de hoje para sempre, como elo inquebrantável entre todos os nossos correligionários."¹⁷

Como salientamos no início deste artigo, o processo de heroificação de Gaspar Silveira Martins deu-se em três momentos distintos. Inicialmente, procuramos explorar o período referente à campanha pela sua anistia, período esse marcado pela instabilidade política responsável pela deflagração da Revolução Federalista. É nesse momento que se constrói a imagem do salvador, que precisava retornar ao país para, com sua experiência e seu amor pátrio, servir de guia à liberdade e à uma república parlamentar e federativa.

Logo a seguir, trabalhamos o período imperial. Neste momento Gaspar Silveira Martins é o presidente da província. A imagem era a de um político respeitado por seus correligionários, que batalhava em prol de seu povo e que foi responsável por grandes avanços econômicos. Era, no entanto, criticado por seu autoritarismo, o que não chegava a prejudicar sua aura de "deusa do amor."

Essas imagens mudam com sua morte. Neste momento ele deixa de ser o salvador para ser o exemplo a ser seguido. As recorrências ao "ilustre morto" ocorriam conforme as necessidades políticas de seus correligionários.

A imagem de Gaspar Silveira Martins foi reforçada durante sua vida, antes e depois da Proclamação da República, e após sua morte. O ritual de rezar missas era utilizado como uma rememoração que se manteve durante anos. Era o momento de lembrar seus ensinamentos e de reforçar suas idéias políticas. Era uma forma de fortalecer o Partido Federalista, mantido na oposição durante o governo de Borges de Medeiros.

Bibliografia

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem. A Elite Política Imperial*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

¹³ Silveira Martins. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 30 de julho de 1901.

¹⁴ Silveira Martins. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 30 de julho de 1901.

¹⁵ Convite. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 21 de julho de 1921.

¹⁶ Foram pesquisados os anos de 1921, 1922, 1923 do Correio do Povo. Eram publicados, na 1ª página, convites para as missas que eram realizadas anualmente no dia de sua morte. Essas notas de missa eram publicadas todos os anos nos dias 21, 22 e 23 de julho.

¹⁷ Congresso Federalista. CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 26 de julho de 1921. p. 3.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petropolis: Vozes, 1993.

HASSLOCHER, Germano. *A verdade sobre a Revolução*. Porto Alegre: Typografia de Cesar Reinhardt, 1894.

ABREU, Regina. *Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Volume 7, nº 14, 1994.

Endereço da autora

Luciana Rossato
Rua Belizário Berto da Silveira, 226
Saco dos Limões
CEP 88045-220
Florianópolis, SC
Fone: (048) 333-6387